



Anais do 1o Simpósio de Biologia Marinha UFRGS/UERGS

Tramandaí - Imbé - RS

25 a 30 de Agosto - 2008

Realização



Apoio Institucional



Patrocínio



Apresentação

O 1º Simpósio de Biologia Marinha (SABMar) é um evento promovido pelo Diretório Acadêmico do curso de Ciências Biológicas (ênfase em Biologia Marinha e Costeira e Gestão ambiental marinha e costeira), curso realizado em convênio entre a UFRGS e a UERGS, e está em sua primeira edição.

Ele congrega alunos e professores de diversos níveis de ensino relacionados, principalmente, a área de Biologia Marinha e Costeira e também Gestão Ambiental e áreas afins, interessados em debater questões relacionadas à Biologia Marinha, bem como às pesquisas realizadas nesse campo e à formação de profissionais para atuarem nessa área.

Comissão Docente

Dr.^a Norma Luiza Würdig (UFRGS/CECLIMAR)
Coordenadora docente pela UFRGS

Dr. Paulo Henrique Ott (UERGS/GEMARS) Coordenador docente pela UERGS

Dr. Ênio Lupchinski Jr. (UERGS) Coordenador da Comissão de avaliação dos pôsteres e resumos

Me. Maurício Tavares (CECLIMAR/GEMARS)
Comissão de avaliação dos pôsteres e resumos

Comissão Organizadora

Pedro Carvalho Neto (UFRGS/DABMar) Coordenação Geral do SABMar

Laís Bohrer Mozzaquattro(UFRGS/DABMar) Coordenação Geral do SABMar

Jonathas da Silva Barreto (UFRGS/DABMar) Coordenação Científica

Rodrigo Machado (GEMARS/CECLIMAR) Coordenação Científica

Victor Hugo Brusius (UERGS/DABMar) Coordenação de infra-estrutura

Amanda Baron Di Giacomo(UFRGS/DABMar) Coordenação de Divulgação

Gustavo da Rosa Leal (UERGS/DABMar) 1º Tesoureiro do SABMar

Ana Laura de Almeida Luiz (UFRGS/DABMar) 2ª Tesoureira do SABMar

Cronograma SABMar

Dia 25/08/2008 (segunda-feira):

Das 8h30min às 10h30min: Credenciamento

Das 10h30min às 12h: Abertura: Coordenação SABMar;

Palestra: "O CECLIMAR para a Biologia Marinha" - Dra. Norma Würdig (CECLIMAR/UFRGS)

Das 12h às 14h: Almoço

Das 14h às 15h: Palestra: "Projeto; Siga os lobos - marinhos" - Me. Maurício Tavares (GEMARS/CECLIMAR)

Das 15h às 16h: Palestra: "Aplicação de ferramentas multidisciplinares na caracterização do estado de conservação do tuco-tuco-das-dunas" - Dra. Gabriela Paula Fernandez (UFRGS)

Das 16h às 16h30min: Coffee Break

Das 16h30min às 17h30min: Palestra: "Siris e caranguejos do litoral do Brasil" - Me. Marcelo Pereira Barros (FEEVALE)

Das 17h30min às 18h30min: Palestra: "Perspectivas da Piscicultura" - Dr. Ênio Lupchinsk Jr. (UERGS)

Dia 26/08/2008 (terça-feira):

Das 8h30min às 10h30min: Workshop: "Pesquisas em Ilhas Costeiras e Oceânicas Brasileiras" - Dr. Paulo Ott (GEMARS/UERGS), Dra. Melina Baumgarten, Dr. Salvatore Siciliano (FIOCRUZ/ENSP).

Das 10h30min às 11h: Coffee Break

Das 11h às 12h: Palestra: "Tortugas Marinas del Atlántico Sur Occidental (ASO) tortugas & Proyecto Karumbé - Tortugas Marinas del Uruguay" - Dr. Alejandro Fallabrino (KARUMBÉ)

Das 12h às 14h: Almoço

Das 14h às 15h: Palestra: "Aplicação dos ostracodes a pesquisa paleoceanográfica." - Dr. Cristianini Trecastro Bergue (UNISINOS)

Das 15h às 15h30min: Coffee Break

Das 15h30min às 18h: Mesa redonda: "Fiscalização Ambiental" (Me. Antonio José Matos da Silva (Centro Educacional Marcone), Juliana Oliveira da Silva (Secretaria do Meio Ambiente de Tramandaí), Marco Antonio Fortes Francisco (PATRAM) e Kuriakin Humberto Toscan (IBAMA)).

Dia 27/08/2008 (quarta-feira):

Das 8h30min às 9h30min: Palestra: "Biodiversidade e Conservação de Cetáceos no Rio Grande do Sul" - Me. Ignácio Moreno (GEMARS)

Das 9h30min às 10h30min: Palestra: "Répteis do Litoral Norte do Rio Grande do Sul" - Dr. Márcio Martins (UFRGS/GEMARS)

Das 10h30min às 11h: Coffee Break

Das 11h às 12h: Palestra: "Marés Vermelhas" - Dr. Alexandre Matthiensen (UERGS)

Das 12h às 14h: Almoço

Das 14h às 15h30min: Fórum da Pesca (Associação de Pescadores do Litoral Norte do Rio Grande do Sul)

Das 15h30min às 16h: Coffee Break

Das 16h às 18h: Fórum da Pesca (Associação de Pescadores do Litoral Norte do Rio Grande do Sul)

Dia 28/08/2008 (quinta-feira):

Das 8h30min às 9h30min: Palestra: "Pesquisa e Conservação de Aves Costeiras" - Me. Márcio Efe (FEPAM)

Das 9h30min às 10h30min: Pôsteres

Das 10h30min às 11h: Coffee Break

Das 11h às 12h: Pôsteres

Das 12h às 14h: Almoço

Das 14h às 15h: Palestra: "Flora Marinha Macroscópica do estado do Rio Grande do Sul" - Dr. João Fernando Prado (UFRGS)

Das 15h às 16h: Palestra: "Biologia e Conservação da Lontra Neotropical (Lontra longicaudis)" - Me. Cristine Silveira Trinca (UFRGS/PUCRS)

Das 16h às 16h30min: Coffee Break

Das 16h30min às 17h30min: Palestra: "Ecologia de Praias Arenosas" - Dra. Carla Ozório (CECLIMAR/UFRGS)

Das 17h30min às 18h30min: Encerramento: Coordenadoria SABMar
Palestra: "O Papel do Conhecimento e do Biólogo na Conservação Ambiental" - Me. Márcio Efe (FEPAM)

Dia 29/08/2008 (sexta-feira):

Das 8h30min às 12h: Mini-cursos: (1 e 2)

Das 12h às 14h: Almoço

Das 14h às 18h: Mini-cursos: (1 e 2)

Dia 30/08/2008 (sábado):

Das 8h30min às 12h: Mini-cursos: (3 e 4)

Das 12h às 14h: Almoço

Das 14h às 18h: Mini-cursos: (3 e 4)

Mini-curso 1: "Tartaruga-marinha" - Me. Sue Nakashima e Me. Cariane Trigo (GEMARS)

Mini-curso 2: "Lagoas do Litoral Norte e a Educação Ambiental" - Oc. Luiz Pedroso (CECLIMAR/UFRGS)

Mini-curso 3: "Reabilitação de Animais Marinhos" - Dr. Marcelo Alievi (CECLIVET/CERAM/UFRGS)

Mini-curso 4: "Zoneamento Costeiro" - Dr. Eduardo Barboza (UFRGS/CECO)

Índice

1. DIETA DA TARTARUGA-CABEÇUDA, <i>Caretta caretta</i> (TESTUDINES, CHELONIIDAE), NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL.....	8
2. CONCENTRACION DE MERCURIO EN PINGÜINO DE MAGALLANES (<i>Spheniscus magellanicus</i>) EN LA COSTA BRASILEÑA.....	9
3. ESTIMATIVA DO PERÍODO DE NASCIMENTO DE <i>Globicephala melas</i> A PARTIR DE ENCALHES NO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL.....	10
4. DETECÇÃO MOLECULAR DE HERPESVÍRUS EM UM ESPÉCIME DE <i>Chelonia mydas</i> COM FIBROPAPILOMATOSE NO RIO GRANDE DO SUL.....	11
5. TAXIDERMIA COMO FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL.....	12
6. MORFOHISTOLOGIA, DESOVA INDUZIDA E DESENVOLVIMENTO LARVAL DO MEXILHÃO <i>Perna perna</i> (MOLLUSCA, LAMELLIBRANCHIA, MYTILIDAE).....	13
7. VARIAÇÃO DOS ESCUDOS DA CABEÇA (ESCUDOS PRÉ-FRONTAIS E PÓS-OCULARES) EM TARTARUGA-VERDE (<i>Chelonia mydas</i>).....	14
8. REGISTRO DE UM JUVENIL ANILHADO DE <i>Chelonia mydas</i> NA PRAIA DO FRADE – RS, PROVENIENTE DE UBATUBA – SP.....	15
9. MONITORAMENTO DE AVES MIGRATÓRIAS NO LITORAL NORTE E MÉDIO DO RIO GRANDE DO SUL.....	16
10. FOTO-IDENTIFICAÇÃO E ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO DE BOTOS (<i>Tursiops truncatus</i>) NO ESTUÁRIO DO RIO TRAMANDAÍ.....	17
11. A IMPORTÂNCIA DO CERAM (CECLIMAR/UFRGS) PARA O CONHECIMENTO DA DISTRIBUIÇÃO DE AVES MARINHAS NA COSTA SUL-RIO-GRANDENSE.....	18
12. TEMPO INICIAL E FREQUÊNCIA DE DEFECÇÃO EM LONTRA (<i>Lontra longicaudis</i>) CATIVA.....	19
13. OCORRÊNCIA DE CARPAS (TELEOSTEI, CYPRINIDAE) NO SISTEMA ESTUARINO-LAGUNAR DE TRAMANDAÍ.....	20
14. RESULTADOS DO “DIA MUNDIAL DE LIMPEZA DE RIOS E PRAIAS” NO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL EM 2007.....	21
15. PETREL-GIGANTE (<i>Macronectes giganteus</i>) PARASITADO POR TRICHURIDAE NO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL – BRASIL.....	22

1. DIETA DA TARTARUGA-CABEÇUDA, *Caretta caretta* (TESTUDINES, CHELONIIDAE), NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL

LENZ, A.J.^{*1,2}; TRIGO, C.C.^{3,4}; NAKASHIMA, S.B.³ & BORGES-MARTINS, M.^{1,3}

¹Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);

²Bolsista da PROPESQ – UFRGS; ³Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul (GEMARS); ⁴Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CECLIMAR/UFRGS).

*E-mail: anajuliabio@yahoo.com.br

No Rio Grande do Sul são encontradas cinco espécies de tartarugas marinhas, todas consideradas ameaçadas de extinção global e regionalmente. O litoral do Estado é uma importante área de alimentação para *Caretta caretta*, que representa 54% dos registros de tartarugas marinhas encalhadas ao longo do litoral norte. Apesar dos avanços no estudo das tartarugas marinhas nas últimas décadas, sua ecologia alimentar ainda permanece pouco conhecida. Sabe-se que *Caretta caretta* é uma espécie carnívora, que ingere principalmente invertebrados bentônicos. A dieta pode variar regionalmente e por esta razão os hábitos alimentares verificados numa região não podem ser extrapolados para outra. O objetivo deste trabalho é descrever a dieta de *Caretta caretta* no litoral norte do Rio Grande do Sul. As amostras foram coletadas através do monitoramento dos encalhes de tartarugas marinhas, realizado pelo Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul desde 1994. Os tratos gastrointestinais são coletados inteiros e, em laboratório, são seccionados longitudinalmente, lavados com água corrente e o conteúdo é transferido para uma peneira de 0,5 mm de malha. Os itens alimentares encontrados são separados, acondicionados em vidros e preservados em álcool 70%, sendo posteriormente analisados e identificados ao menor nível taxonômico possível. A dieta será descrita com base na riqueza e diversidade de itens, frequência de ocorrência (FO) e numérica (FN) e índices de importância relativa. A suficiência das amostras será avaliada por índices acumulados de diversidade e riqueza. Até o momento, foram triados e identificados os conteúdos gastrointestinais de 18 espécimes, sendo registradas 35 espécies de moluscos (FO=83%), 9 de crustáceos (FO=83%) e 6 de peixes (FO=33%). Matéria vegetal e matéria animal diversa apresentaram baixas frequências de ocorrência (FO<16%). As espécies mais importantes foram o molusco *Buccinanops gradatum* (FO=72%; FN=63%), que habita fundos arenosos entre 5 e 55 m de profundidade, e o caranguejo *Libinia sp.* (FO=55%; FN=2%), que ocorre até os 100 m de profundidade. Os dados analisados até o momento indicam que *Caretta caretta* se alimenta principalmente em fundos arenosos ou lodosos até 100 m de profundidade e corroboram as observações feitas em outras regiões, que sugerem uma dieta carnívora, baseada em moluscos e crustáceos. Novos conteúdos estão sendo triados e identificados para uma descrição mais detalhada da dieta.

2. CONCENTRACION DE MERCURIO EN PINGÜINO DE MAGALLANES (*Spheniscus magellanicus*) EN LA COSTA BRASILEÑA

VEGA, C.M.*¹; SICILIANO, S.^{2,3}; BARROCAS, P.R.G.²; HACON, S.²; CAMPOS, R.C.⁴ & OTT, P.H.⁵

¹PPG em Saúde Pública e Meio Ambiente, Escola Nacional de Saúde Pública/FIOCRUZ; ²Escola Nacional de Saúde Pública/FIOCRUZ; ³Grupo de Estudos de Mamíferos Marinhos da Região dos Lagos (GEMM-Lagos); ⁴Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ); ⁵Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) & Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul (GEMARS).

*E-mail: claudveg@yahoo.com

El mercurio (Hg) es un metal pesado considerado contaminante global, que despierta preocupación mundial; es altamente tóxico con propiedades de bioacumulación comprobada y es uno de los elementos más ampliamente estudiados en aves. El Pingüino de Magallanes (*Spheniscus magellanicus*) es un ave marina que se encuentra en la cúspide de la cadena trófica, se alimenta principalmente de pez y cefalópodos, está ampliamente distribuido en la costa del Atlántico sur desde las Islas Malvinas hasta el litoral norte de Río de Janeiro. El objetivo del presente trabajo es proponer *S. magellanicus* como herramienta de monitoreo de exposición al Hg en la costa atlántica sur; para lo cual fueron recogidas carcasas de *S. magellanicus* en dos puntos de la costa brasilera: 35 individuos en la Região dos Lagos, Río de Janeiro (grupo 1) y 12 individuos en el litoral norte de Río Grande do Sul (grupo 2). Fueron colectados hígado y músculo de todos los individuos para la detección de las concentraciones de Hg, que fue realizada por medio de espectrometría de absorción atómica a través de la técnica de vapor frío. Las concentraciones de Hg presentaron diferencia significativa entre ambos grupos, fueron mayores en el grupo 1 (hígado: 1.6µg/g y músculo: 0.4 µg/g) que en el grupo 2 (hígado: 0.9 µg/g y músculo: 0.2 µg/g). No se encontró correlación entre el peso y altura de los individuos con las concentraciones de Hg. Los resultados del presente estudio sugieren que la diferencia encontrada en las concentraciones de Hg entre los 2 grupos de pingüinos de Magallanes estudiados podrían ser usada como un marcador de dos grupos populacionales de esta especie en la costa brasileña. Los ejemplares de *S. magellanicus* que arriban en la costa brasileña representan una fuente de información de las áreas que habitan. Por lo que el monitoreo y análisis constante de éstos es recomendable para la evaluación de contaminación ambiental en la costa Atlántico Sur y su influencia en la biota marina.

Financiamento: Projeto de Monitoramento de Aves e Mamíferos Marinhos na Bacia de Campos – ENSP/FIOCRUZ & CENPES/PETROBRAS.

3. ESTIMATIVA DO PERÍODO DE NASCIMENTO DE *Globicephala melas* A PARTIR DE ENCALHES NO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

SUCUNZA, F.P.^{*1,2}; MACHADO, R.¹; TAVARES, M.¹; MORENO, I.B.¹ & OTT, P.H.^{1,3}

¹Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul (GEMARS) & Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CECLIMAR/UFRGS); ²Curso de Ciências Biológicas, ênfases: Biologia Marinha e Costeira & Gestão Ambiental Marinha e Costeira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Campus CECLIMAR) e da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Pólo Cidreira); ³Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).
*E-mail: fsucunza@hotmail.com

As baleias-pilotos (*Globicephala* spp.) possuem distribuição cosmopolita e distribuem-se em águas oceânicas principalmente na região da plataforma externa e do talude, onde se alimentam especialmente de lulas. No Brasil, ocorrem as duas espécies do gênero: a baleia-piloto-de-peitorais-curtas, *G. macrorhynchus* (Gray 1846), que apresenta uma distribuição tropical, e a baleia-piloto-de-peitorais-longas, *G. melas* (Traill 1809), a qual se distribui em águas temperadas e frias. No Rio Grande do Sul, todos os registros existentes do gênero referem-se a *G. melas*, sendo escassas as informações sobre a história natural e a biologia reprodutiva desta espécie na região. Entre 1991 e 2008, foram registrados três exemplares dessa espécie, a partir de monitoramentos sistemáticos de beira de praia, entre Torres (29°19'S; 49°43'W) e a Barra da Lagoa do Peixe (31°21'S; 51°02'W), e de avisos da Patrulha Ambiental (PATRAM). A identificação da espécie dos exemplares foi confirmada pela morfologia externa (e.g. tamanho da nadadeira peitoral) e do crânio (e.g. largura dos pré-maxilares no meio do rosto). Em 27/06/2003, uma fêmea (GEMARS 0972) com comprimento total de 201cm e 114 kg de massa encalhou viva na praia de Quintão (30°19'S; 50°15'W). A fêmea foi levada, pela PATRAM, ao Centro de Reabilitação de Animais Silvestres e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CERAM/UFRGS), em Imbé, aonde veio a óbito no dia 30/06/2003. Em 06/04/2004, uma segunda fêmea de *G. melas* (GEMARS 1173) foi encontrada morta 24 km ao norte da Praia Nova, Mostardas (30°57'S; 50°40'W). O espécime, com 261 cm de comprimento total, encontrava-se em avançado estado de decomposição. Em 25/10/2007 ocorreu, novamente, um encalhe vivo de baleia-piloto-de-peitorais-longas, tendo este ocorrido na praia de Pinhal (30°14'S; 50°13'W). O exemplar, o qual veio a óbito no dia 26/10/2007 no CERAM/UFRGS, era uma fêmea com 228 cm de comprimento total e 137 kg de massa (GEMARS 1297). A partir das informações a respeito da curva de crescimento e do tamanho de nascimento da espécie reportadas na literatura (175-180 cm), associadas ao comprimento total dos exemplares encontrados neste estudo, é possível estimar que o período de nascimento da espécie no Atlântico Sul Ocidental ocorra entre janeiro e maio. Além disso, é possível estimar que os dois menores animais, GEMARS 0972 e GEMARS 1297, eram filhotes com aproximadamente quatro e seis meses de vida, respectivamente. Contudo, estudos envolvendo um maior número de exemplares são fundamentais para elucidar a biologia reprodutiva da espécie nessa região.

4. DETECÇÃO MOLECULAR DE HERPESVÍRUS EM UM ESPÉCIME DE *Chelonia mydas* COM FIBROPAPILOMATOSE NO RIO GRANDE DO SUL

DUPONT, P.M.^{*1}; OTT, P.H.^{2,3} & ALMEIDA, S.E.M.¹

¹ Centro Universitário Feevale; ² Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); ³ Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul (GEMARS) & Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CECLIMAR/UFRGS).

*E-mail: pri.nz00@gmail.com

A fibropapilomatose (FP) é uma doença debilitante, caracterizada pela presença de fibropapilomas epiteliais e ocasionalmente fibromas viscerais. Essa doença, de origem infecciosa, é responsável pela morbidade e mortalidade em diferentes espécies de tartarugas marinhas e seu mais provável agente etiológico é o *Green Turtle Herpesvirus* (GTHV). O presente estudo objetivou detectar o GTHV em diferentes amostras de fibropapilomas e tecidos coletados de um exemplar de *Chelonia mydas* encontrado debilitado na praia de Capão da Canoa (litoral norte do Rio Grande do Sul), acometido com FP em abril de 2006. A presença do vírus foi avaliada e comparada tanto nas amostras de fibropapilomas (tumores), quanto nos tecidos de órgãos aparentemente saudáveis. Procedimentos de medição padrão foram feitos para a determinação da classe etária do animal, bem como a mensuração dos fibropapilomas encontrados, os quais foram coletados, juntamente com os órgãos internos do animal. O DNA das amostras foi extraído e submetido à reação de PCR (*Polymerase Chain Reaction*) com *primers* específicos para a detecção do GTHV. O espécime do presente estudo, medindo 42,5 cm e 40 cm de comprimento curvilíneo de carapaça e largura de carapaça, respectivamente, pode ser classificado como subadulto. Os tumores foram considerados pequenos, quando comparados a outros casos relatados em estudos anteriores. Este é o primeiro registro de fibropapilomatose em tartarugas marinhas no Rio Grande do Sul. A análise das amostras coletadas comprovou a presença do GTHV na totalidade dos tumores e em alguns órgãos, como: pele, esôfago, intestino, gônada, pulmão e coração. Entretanto, para a comprovação desses resultados, destaca-se a importância do seqüenciamento das amostras positivas para o GTHV.

5. TAXIDERMIA COMO FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

PINHEIRO, M.S.*¹; SANTOS, P.E.² & LIMA, V.S.¹

¹Curso de Ciências Biológicas, ênfases: Biologia Marinha e Costeira & Gestão Ambiental Marinha e Costeira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Campus CECLIMAR) e da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Pólo Cidreira);

²Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CECLIMAR/UFRGS).

*E-mail: maristela-pinheiro@uergs.edu.br

Constatando-se a necessidade de fazer a reposição de espécimes e de montar uma coleção para o Museu de Ciências Naturais do Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CECLIMAR/UFRGS), iniciou-se um trabalho com a finalidade de conservar animais mortos, resgatando assim, as espécies por ora descartadas. Essas espécies serão utilizadas como instrumento para levar informação e conhecimento à comunidade, através de oficinas nas escolas, possibilitando aos alunos desenvolver uma consciência ambiental através do contato com animais que eles só veriam por meio de livros. Para que seja iniciado este trabalho escolhe-se o animal a ser taxidermizado, logo em seguida ele é lavado em água corrente a fim de retirar sujeiras incrustadas. Após a secagem do animal, com a ponta do estilete ou bisturi, é feita uma incisão na parte ventral do animal, retira-se o esqueleto, sendo que os ossos das patas são deixados para que se possa ter um apoio para futura montagem. O crânio deve ser removido, ou não, dependendo da limpeza que for feita no mesmo. Injeta-se formol a 10% em partes que não haja possibilidade de retirar toda a carne. A pele que sobrou é desidratada, o animal é preenchido internamente com casca de arroz e um esqueleto em armação de ferro é feito para dar sustentação ao animal que será montado em uma posição o mais natural possível. Após o início do projeto, foram acrescentados ao acervo do museu do CECLIMAR/UFRGS quatro novos espécimes taxidermizados que consistem em dois pingüins, um tamanduá e um albatroz, que estão disponíveis à comunidade. Outros espécimes estão em processo de finalização. A taxidermia realizada para levar conhecimento à comunidade apresenta resultados bastante relevantes, pois através dela podemos observar que há um maior interesse em conhecer como é a vida e o habitat destes animais, o que estimula a capacidade de formular um conceito de preservação e ao mesmo tempo desenvolve a consciência ecológica através da educação.

6. MORFOHISTOLOGIA, DESOVA INDUZIDA E DESENVOLVIMENTO LARVAL DO MEXILHÃO *Perna perna* (MOLLUSCA, LAMELLIBRANCHIA, MYTILIDAE)

GERLACH, E. L.*¹ & PEDROSO, L.A.S.²

¹Curso de Ciências Biológicas, ênfases: Biologia Marinha e Costeira & Gestão Ambiental Marinha e Costeira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Campus CECLIMAR) e da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Pólo Cidreira); ²Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CECLIMAR/UFRGS).

*E-mail: el_gerlack@yahoo.com.br

Este trabalho se propõe observar a gametogênese e o desenvolvimento embrionário do mexilhão *Perna perna* (Linné, 1758), em ambiente de laboratório. Essa espécie se diferencia dos demais Mytilidae, principalmente, pela disposição de sua musculatura. Bivalve filtrador, apresentando perióstraco marrom escuro, superfície lisa, com linhas de crescimento; charneira com um a dois dentes. A musculatura é bem separada. Classificado inicialmente como *Mytilus perna* (Linné, 1758), e posteriormente como *Perna perna* por Klappenbach (1964). Criação em confinamento a partir da década de 70, no litoral de São Paulo e Rio de Janeiro, e produção comercial em 1989-90, em Santa Catarina. Espécie objeto de discussão por parte de especialistas, como possível exótica incidentalmente introduzida e adaptada à vida livre no Brasil. Na região sul, a reprodução desse molusco é mais intensa na primavera e verão, estações com maior densidade de larvas plantígradas, estágio em que sofrem a última metamorfose. A desova é intensificada pela exposição ao estresse, principalmente pela variação de temperatura. Os gametas são liberados em forma de jatos, e o desenvolvimento é indireto. Três horas após a fecundação o embrião adquire movimentos helicoidais. As fases larvais são: gástrula; trocófora (6 a 7 h); larva "D" (24 h), primeira concha larval; velíger (7 a 13 dias), surgem o velum e umbo; pedivelíger (15 dias); e larvas plantígradas (21 dias). Amostra de 28 animais medindo de 24 a 71 mm, coletados ao acaso na plataforma de pesca de Tramandaí. O sexo foi identificado pela análise macroscópica do manto. O período de estudo variou de 02/04 a 25/05/2008, em duas etapas e métodos diferentes para indução à desova: a) dois vidros com capacidade para 2 l, contendo 1 l de água do mar e dois animais cada, colocados em estufa de vidro e expostos ao sol e à sombra respectivamente, até 31/04/2008, com temperatura variando entre 18 e 23°C; b) quatro vidros contendo 1,5 l de água marinha e um animal cada, expostos à luz e temperatura constantes, através de um sistema iluminado por lâmpadas incandescentes, e temperatura da água mantida a 25°C, de 01 a 25/05/2008. No primeiro método houve pequena liberação de gametas, constatado através de análises microscópicas da água de fundo e pela análise macroscópica mantélica. No segundo, houve alteração nas condições de salinidade da água, morte da maioria dos animais e maior liberação de gametas. Embora se admita falhas nos métodos utilizados, as análises histológicas do tecido gonodático indicaram a repleção de gametas, confirmando a possibilidade de indução à desova. Os resultados demonstram que o mexilhão *Perna perna* possui bom potencial para reprodução em laboratório, durante praticamente o ano todo, contudo, esses resultados foram parciais, ensejando prosseguimento da experiência com novo enfoque, o que possibilitará conclusões mais confiáveis.

7. VARIACÃO DOS ESCUDOS DA CABEÇA (ESCUDOS PRÉ-FRONTAIS E PÓS-OCULARES) EM TARTARUGA-VERDE (*Chelonia mydas*)

BARRETO, J.S.^{*1,2}; NAKASHIMA, S.B.¹; GIACOMO, A.B.^{1,2} & OTT, P.H.^{1,3}

¹Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul (GEMARS) & Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CECLIMAR/UFRGS); ²Curso de Ciências Biológicas, ênfases: Biologia Marinha e Costeira & Gestão Ambiental Marinha e Costeira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Campus CECLIMAR) e da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Pólo Cidreira); ³Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

*E-mail: jonathasbarreto@terra.com.br

Na costa do Rio Grande do Sul, ocorrem cinco espécies de tartarugas marinhas (Testudines): *Dermochelys coriacea*, *Lepidochelys olivacea*, *Eretmochelys imbricata*, *Caretta caretta* e *Chelonia mydas*. Esta última ocorre com maior frequência. Sua identificação pode ser realizada pelo padrão de escudos da cabeça, o qual tem sido tradicionalmente descrito na literatura por um par de escudos pré-frontais e quatro pares de escudos pós-oculares. Escudos supranumerários são comuns em Testudines, sendo estas anomalias possivelmente decorrentes de fatores ambientais, fatores genéticos (mutações embrionárias), hibridação ou endocruzamento. A fim de descrever as variações existentes nos escudos de *C. mydas* no litoral norte do Rio Grande do Sul, foram analisados nove espécimes encontrados mortos ou em reabilitação entre fevereiro e agosto de 2008. Os espécimes analisados apresentavam de 30,5 cm a 62 cm de comprimento total, e entre 26 cm e 58,4 cm de largura total de carapaça. Para cada exemplar foram obtidas fotografias das regiões dorsal, lateral direita e esquerda da cabeça. Perceberam-se variações no número de placas pós-oculares em sete (77,77%) dos nove exemplares analisados. Dois indivíduos (22,22%) apresentaram variações em ambos os lados; três indivíduos (33,33%) apresentaram variações apenas no lado direito; e dois indivíduos (22,22%) apenas no lado esquerdo. Em 88,89% de todas as variações, as anomalias são de cinco escudos, enquanto no restante a anomalia é de três escudos. Variações morfológicas também foram percebidas tanto nos escudos pós-oculares quanto nos pré-frontais, mesmo que não observada nenhuma alteração numérica nos pré-frontais. Faz-se necessário um maior número de espécimes, bem como a realização de análises moleculares a fim de auxiliar no entendimento de quais são os principais fatores influenciadores destas anomalias. Porém, tendo em vista a escassez de estudos específicos sobre estas variações em *C. mydas* e o alto índice de indivíduos anômalos observados nesta região, percebe-se a importância da continuidade destes estudos para futuras conclusões sobre o padrão, hibridação ou mutações embrionárias da espécie.

8. REGISTRO DE UM JUVENIL ANILHADO DE *Chelonia mydas* NA PRAIA DO FRADE – RS, PROVENIENTE DE UBATUBA – SP

NAKASHIMA, S.B.*¹; TAVARES, M.¹; MORENO, I.B.¹ & BORGES-MARTINS, M.^{1,2}

¹Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul (GEMARS) & Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CECLIMAR/UFRGS); ²Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

*E-mail: suebio@terra.com.br

Das seis espécies de tartarugas marinhas com distribuição no Oceano Atlântico, cinco ocorrem no litoral brasileiro: tartaruga-cabeçuda (*Caretta caretta*), tartaruga-verde (*Chelonia mydas*), tartaruga-oliva (*Lepidochelys olivacea*) e tartaruga-de-pente (*Eretmochelys imbricata*), pertencentes a família Cheloniidae; e a tartaruga-de-couro (*Dermochelys coriacea*), única espécie da família Dermochelyidae. Todas essas espécies possuem registros para o litoral do Rio Grande do Sul, que representa uma importante área de desenvolvimento e alimentação, especialmente para *Caretta caretta*, *Chelonia mydas* e *Dermochelys coriacea*. Tartarugas marinhas tem uma alta capacidade de deslocamento e usualmente realizam extensas migrações. Apesar dos avanços no estudo destes deslocamentos no Atlântico Sul, pouco se sabe sobre os padrões de deslocamento de filhotes e juvenis. Em 19 de novembro de 2003, foi encontrada uma tartaruga-verde na Praia do Frade (30°22'11,6"S; 050°16'41,1"W), Quintão, no litoral norte do Rio Grande do Sul. O espécime, um juvenil com 48,5 cm de comprimento curvo da carapaça, foi encontrado morto por um morador local, apresentando anilhas nas duas nadadeiras peitorais, com os códigos BR32439 (peitoral esquerda) e BR32438 (peitoral direita). Através desta numeração foi possível verificar que o espécime havia sido capturado para anilhamento em primeiro de outubro de 2003, através de cerco flutuante, na Praia do Sul, Ilha Anchieta, Ubatuba, São Paulo. Estas informações nos permitiram demonstrar um deslocamento para o sul de cerca de 900 km em linha reta (mais de 1000 km de costa) em um período de 50 dias. Este registro sugere que a costa do Rio Grande do Sul pode ser uma importante área de alimentação e crescimento para a espécie em sua fase juvenil e não apenas uma rota de passagem para o norte, como poderiam indicar dados de distribuição latitudinais de tamanho da carapaça.

9. MONITORAMENTO DE AVES MIGRATÓRIAS NO LITORAL NORTE E MÉDIO DO RIO GRANDE DO SUL

LEAL, G.R.^{*1,2} & EFE, M.A.¹

¹Fundação Estadual de Proteção Ambiental (FEPAM); ²Curso de Ciências Biológicas, ênfases: Biologia Marinha e Costeira & Gestão Ambiental Marinha e Costeira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Campus CECLIMAR) e da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Pólo Cidreira).

*E-mail: gustavodarosaleal@hotmail.com

O Estado do Rio Grande do Sul (RS) possui 620 km de costa, composta por praias arenosas com intensa atividade eólica, extensos campos de dunas com banhados e um conjunto de lagoas e lagunas costeiras. A fim de obter um maior conhecimento sobre a riqueza, abundância e distribuição das aves no litoral do RS, bem como promover a avaliação das drenagens naturais e artificiais que cortam a faixa de praia, atributos ambientais que acabam sendo um dos mais afetados pelos empreendimentos frequentemente licenciados no setor litorâneo pela Fundação Estadual de Proteção Ambiental (FEPAM), foram realizadas amostragens qualitativas no período de agosto a dezembro de 2007. O estudo consiste na realização de contagens mensais nas quais estão sendo percorridos, em dias consecutivos, os trechos de praia entre Torres/Imbé e Tramandaí/Mostardas, utilizando as drenagens naturais e artificiais que cortam a faixa de praia como pontos amostrais. Paralelamente, a cada semana é avaliada a distribuição sazonal e riqueza de espécies em um trecho da praia de Cidreira e, mensalmente, a presença humana em um trecho da praia de Tramandaí. Nos trechos de praia entre Torres e Mostardas, foram registrados dados em cerca de 343 drenagens naturais e urbanas em atividade no período de estudo. Destas, 108 no trecho Tramandaí/Mostardas e 50 no trecho Torres/Imbé apresentaram aves no seu leito ou em suas margens. Até o presente momento, foram registradas 18 espécies nas drenagens naturais e urbanas em atividade no período de estudo. Preliminarmente, parece haver uma preferência das aves pelas drenagens do trecho Tramandaí/Mostardas, pois estas apresentaram maiores riquezas do que as drenagens do trecho Torres/Imbé. Em relação ao monitoramento da presença humana na praia de Tramandaí, verifica-se o aumento da presença humana conforme a chegada dos meses de verão, período que, conhecidamente, as cidades litorâneas do Rio Grande do Sul aumentam em várias vezes seu contingente populacional.

Apoio: FEPAM e PIBIC/CNPq.

10. FOTO-IDENTIFICAÇÃO E ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO DE BOTOS (*Tursiops truncatus*) NO ESTUÁRIO DO RIO TRAMANDAÍ

GIACOMO, A.B.^{*1,2}; OTT, P.H.^{1,3}; NAKASHIMA, S.B.¹; BARRETO, J.S.^{1,2} & MORENO, I.B.¹

¹Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul (GEMARS) & Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos (CECLIMAR/UFRGS); ²Curso de Ciências Biológicas, ênfases: Biologia Marinha e Costeira & Gestão Ambiental Marinha e Costeira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Campus CECLIMAR) e da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Pólo Cidreira); ³Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

*E-mail:agiacom@gemars.org.br

O golfinho-nariz-de-garrafa ou boto, *Tursiops truncatus* (Montagu 1821), é um cetáceo da família Delphinidae, que mede, quando adulto, em torno de 3,5 m de comprimento, pesando até 450 kg. Distribui-se em águas temperadas e tropicais de todos os oceanos, tanto em ambientes costeiros como oceânicos. São animais sociáveis e formam grupos coesos. No litoral sul do Brasil, estes animais costumam penetrar nos estuários, muitas vezes, em busca de alimento, como cardumes de tainhas (*Mugil* sp.). No Rio Grande do Sul, podem ser observados freqüentemente no Rio Mampituba, na cidade de Torres, no canal entre as cidades de Tramandaí e Imbé, no Rio Tramandaí, e na desembocadura da Laguna dos Patos, em Rio Grande. A interação com os pescadores de tarrafa ocorre somente nos rios Mampituba e Tramandaí, onde pescadores utilizam os botos como indicadores de cardumes de peixes nas águas normalmente turvas e com baixa visibilidade do estuário. Esta associação beneficia tanto os pescadores, que garantem a captura de mais peixes na presença dos golfinhos, quanto os botos, que se alimentam dos peixes que escapam das tarrafas. Estudos de foto-identificação da população de botos no Rio Tramandaí, foram conduzidos entre janeiro e julho de 2008, totalizando 89 dias e 110 horas de esforço. Foram foto-identificados nove animais, através da diferenciação das marcas naturais presentes principalmente nas nadadeiras dorsais. Cada indivíduo possui características particulares em suas nadadeiras dorsais, como cortes, arranhões e formatos. Todos os botos foram fotografados em mais de uma oportunidade, durante o período de estudo. Dos nove indivíduos foto-identificados, três são filhotes. Durante os meses de verão (janeiro e fevereiro), embora o esforço de observação tenha sido constante, não foram observados animais no estuário, o que pode estar relacionado à intensa atividade na prática de esportes náuticos, como *jet ski*, ou com a disponibilidade de alimento. Com base em informações obtidas em estudos prévios realizados na região, constatou-se que existem pelo menos quatro indivíduos que freqüentam regularmente a barra de Tramandaí há mais de 15 anos, evidenciando uma população com alto grau de fidelidade ao local. Estudos prévios indicam também que o número máximo de indivíduos que freqüenta a barra de Tramandaí nos últimos 20 anos tem sido em torno de dez animais, o que poderia representar a capacidade suporte deste ecossistema. A continuidade deste estudo é fundamental para uma melhor compreensão da dinâmica desta população, especialmente frente à crescente degradação ambiental da região.

11. A IMPORTÂNCIA DO CERAM (CECLIMAR/UFRGS) PARA O CONHECIMENTO DA DISTRIBUIÇÃO DE AVES MARINHAS NA COSTA SUL-RIO-GRANDENSE

FRANZ, I.¹; MACHADO, R.²; FAUSTO, I.V.³ & OTT, P.H.^{2,4}

¹Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos - CBRO & Laboratório de Zoologia, Centro Universitário Feevale;

²Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul (GEMARS); ³Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CECLIMAR/UFRGS); ⁴Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

E-mail: ismaelfranz@gmail.com

Embora o Rio Grande do Sul seja considerado como um dos estados brasileiros com o melhor conhecimento do ponto de vista ornitológico, muitas informações básicas, como relacionadas à distribuição, ainda são incipientes para muitas espécies. Notadamente para as aves marinhas, as informações disponíveis são ainda mais escassas. Assim, visando divulgar alguns registros, acompanhamos eventualmente o encaminhamento de aves marinhas debilitadas ao Centro de Reabilitação de Animais Silvestres e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CERAM/UFRGS), entre os anos de 2002 e 2007. Ao chegarem ao CERAM/UFRGS, trazidos pelos órgãos ambientais do litoral norte ou por particulares, os espécimes eram identificados e verificava-se a existência de algum tipo de marcação individual (anilha e/ou bandeirola). Foram registradas, além de espécies comuns para a avifauna gaúcha, alguns exemplares de espécies ainda não conhecidas ou com informações escassas para o território sul-rio-grandense. Os principais registros foram: dois espécimes do atobá-mascarado, *Sula dactylatra* (07/02/2006 e 28/02/2006, ambos anilhados em 2005 no Arquipélago dos Abrolhos), que representaram os primeiros registros para o Estado (incluindo um documentado por espécime tombado em coleção científica, MCN2791); três espécimes do atobá-marrom, *S. leucogaster* (01/08/2002, 05/02/2005 e 12/01/2007), que possui apenas um registro documentado anterior (portanto, estes representam o segundo documentado [por foto] e o quarto para o RS); um espécime de piau-preto, *Phoebetria fusca* (tombado em coleção, MCN2797, possuía apenas uma documentação e poucos registros); além de um albatroz-gigante, *Diomedea exulans* (23/03/2006, tombado em coleção, MCP2327, anilhado pelo *British Museum of Natural History* nas Geórgias do Sul em 05/10/2005) e um albatroz-real, *D. epomophora* (28/03/2004, tombado em coleção, MCP2328, representando a primeira pele do RS em coleção). Além destes, foram encaminhados ao CERAM/UFRGS 72 espécimes da grazina-de-barriga-branca, *Pterodroma incerta*, associados ao ciclone extra-tropical "Catarina", que atingiu a costa sul-brasileira em 2004. Quatro espécies estão globalmente ameaçadas de extinção: o piau-preto ("em perigo"), os dois albatrozes ("vulnerável") e a grazina-de-barriga-branca ("em perigo"). Todos estes registros são de grande importância para o conhecimento acerca da distribuição e padrões de ocorrência das aves marinhas, tanto oceânicas quanto costeiras, no Rio Grande do Sul. Deste modo, a coleta criteriosa de dados e a divulgação das informações sobre as aves que chegam ao CERAM/UFRGS contribuem para o preenchimento de lacunas de conhecimento na ornitologia gaúcha. Adicionalmente, estes procedimentos fortalecem e tornam mais visíveis as ações do Centro, cumprindo com um dos seus objetivos, que é subsidiar pesquisas científicas.

12. TEMPO INICIAL E FREQUÊNCIA DE DEFECAÇÃO EM LONTRA (*Lontra longicaudis*) CATIVA

MACHADO, R.^{*1,2}; WICKERT, J.C.^{1,2}; CASTOLDI, L.³; NAKASHIMA, S.B.^{1,2}; BARBIERI, F.²
& OTT, P.H.^{1,2,4}

¹Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul (GEMARS) & Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CECLIMAR/UFRGS); ²Projeto Lontras da Laguna Tramandaí; ³Zoológico Municipal de Canoas; ⁴Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

*E-mail: machado_7@yahoo.com.br

A lontra neotropical (*Lontra longicaudis*), apresenta hábitos esquivos, sendo de difícil observação na natureza. Uma característica comportamental da espécie é a de marcar sua área de vida com fezes e muco-anal. Isto permite a realização de diversos estudos sobre história natural da espécie. Contudo, algumas informações são de difícil avaliação na natureza, como o tempo inicial de defecação (TID), bem como a frequência de defecação. O TID é o intervalo de tempo entre a ingestão e a primeira evacuação do alimento de uma alimentação. O presente trabalho tem como objetivo avaliar o TID e frequência de defecação de *L. longicaudis* cativas. O estudo foi realizado com dois machos juvenis no Zoológico Municipal de Canoas (RS, Brasil), durante seis dias, entre abril e maio de 2008. Os indivíduos ficaram no mesmo recinto, com acesso livre à água, sendo alimentados duas vezes ao dia (9 h e 16 h). Os primeiros peixes da alimentação da manhã continham internamente três marcadores plásticos coloridos e esféricos de 2,8 mm de diâmetro. A alimentação foi constituída de sardinha (*Lycengraulis grossidens*) (n=4), savelha (*Brevoortia pectinata*) (n=4) e bagre (*Genidens genidens*) (n=4), totalizando em média 354 g. Entre as refeições, os animais foram monitorados a cada 30 minutos em busca das fezes. Quando estas foram encontradas, o horário e sua posição no cativeiro foram anotados para posterior coleta (após as 16 h). A média do TID, independente das presas oferecidas, foi de 2,3 h (DP=0,75 h). O número médio de defecações e de deposição de muco-anal foi de 15,5 (DP=3,7) e 4 (DP=2) vezes, respectivamente, no período das 9 h as 16 h. Quando avaliado o TID das distintas presas, não se observou diferença significativa entre elas ($P=0,22$). O TID observado é inferior ao de *L. longicaudis* reportado em outros estudos, embora semelhante ao de outras espécies de lontras. Por outro lado, a produção de fezes foi elevada quando comparada a de *Lutra lutra*. O baixo TID e a alta produção de fezes aqui apresentados provalmente estão associados à importância da marcação de território pela espécie. A aplicação de estudos sobre o TID em outras espécies em cativeiro é importante para melhor compreender a fisiologia digestiva dos animais e auxiliar nos programas de reabilitação.

13. OCORRÊNCIA DE CARPAS (TELEOSTEI, CYPRINIDAE) NO SISTEMA ESTUARINO-LAGUNAR DE TRAMANDAÍ

MACHADO, R.*¹; SILVA, E.B.²; CORTE, R.B.D.³ & OTT, P.H.^{1,4}
??

¹Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul (GEMARS) & Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CECLIMAR/UFRGS); ²Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e de Recursos Naturais Renováveis, Escritório Regional de Tramandaí (IBAMA); ³Laboratório de Zoologia, Centro Universitário Feevale; ⁴Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).
*E-mail: machado_7@yahoo.com.br

As espécies exóticas de peixes podem causar muitos impactos aos ecossistemas naturais, tais como a introdução de organismos patógenos, a degradação dos habitats, a competição por recursos e a predação. Por isso, são consideradas uma das principais ameaças à biodiversidade e aos ecossistemas aquáticos naturais. Geralmente, os registros de peixes exóticos no ambiente natural estão associados a escapes em áreas de piscicultura. Isso ocorre, principalmente, devido ao transbordamento ou rompimento de tanques em épocas de chuvas intensas e cheias. O presente trabalho tem como objetivo relatar os primeiros registros documentados de peixes exóticos no complexo estuarino-lagunar de Tramandaí. O complexo é formado por duas lagoas (Tramandaí e Armazém) que recebem água doce através do rio Tramandaí e do canal Camarão, provenientes da bacia hidrográfica do rio Tramandaí (BHRT). Este sistema comunica-se com o Oceano Atlântico através de um canal permanente, fixo por molhes (29°58'S; 50°07'W). A ocorrência dos peixes exóticos foi documentada a partir do resgate de fotografias, informações fornecidas por pescadores locais, jornalistas e de um site da *internet* ([http:// fotolog.terra.com.br/tramandai_imbe](http://fotolog.terra.com.br/tramandai_imbe)). Entre 2004 e 2007, foram registrados na região oito espécimes de carpas, pertencentes a quatro espécies: carpa-cabeça-grande (*Aristichthys nobilis*, n=3), carpa-prateada (*Hypophthalmichthys molitrix*, n=2), carpa-capim (*Ctenopharyngodon idella*, n=2), e carpa-húngara (*Cyprinus carpio*, n=1). A ocorrência destas espécies exóticas no complexo estuarino-lagunar de Tramandaí provavelmente está associada a escapes ocorridos em tanques de piscicultura nos municípios que fazem parte da BHRT. Esta hipótese é reforçada pela enchente que ocorreu em março de 2007, quando houve o rompimento de muitos açudes em alguns municípios do litoral norte do Rio Grande do Sul (Fonte: escritórios regionais da EMATER) e, logo após, foram capturadas duas carpas no estuário de Tramandaí. As carpas capturadas no complexo estuarino-lagunar de Tramandaí, ao que tudo indica, não parecem representar algum risco para a região, devido à alta salinidade no local, em virtude da proximidade com o Oceano Atlântico. Desse modo, o estabelecimento destas espécies exóticas na região parece ser improvável. Contudo, o escape de carpas dos açudes pode ameaçar seriamente os ecossistemas aquáticos do restante da BHRT, aumentando a possibilidade do estabelecimento destas espécies em áreas dulciaquícolas. Sendo assim, destaca-se a necessidade de um mapeamento das principais áreas com atividades de piscicultura na região e dos possíveis problemas ambientais que estas possam causar neste ecossistema.

14. RESULTADOS DO “DIA MUNDIAL DE LIMPEZA DE RIOS E PRAIAS” NO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL EM 2007

BARRETO, J.S.^{1,2}; MACHADO, R.¹; GIACOMO, A.B.^{1,2}; WICKERT, J.C.¹; GUIDOTT, I.²; WOTRICH, D.²; SANT’ANNA, D.V.²; SUCUNZA, F.P.^{1,2}; JUNG, M.³; MORENO, I. B.¹; OLIVEIRA, L.R.¹; TAVARES, M.^{1,3} & OTT, P.H.^{1,4}

¹Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul (GEMARS); ²Curso de Ciências Biológicas, ênfases: Biologia Marinha e Costeira & Gestão Ambiental Marinha e Costeira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Campus CECLIMAR) e da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Pólo Cidreira); ³Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CECLIMAR/UFRGS). ⁴Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS);

*E-mail: jonathasbarreto@terra.com.br

O Dia Mundial de Limpeza de Rios e Praias (*International Coastal Clean Up*) é um programa internacional de educação ambiental realizado em mais de cem países todos os anos, sempre no terceiro sábado de setembro. Preocupados com a grande quantidade de lixo depositado nas regiões marinhas, a organização não governamental *The Ocean Conservancy* organizou em 1986 o primeiro Dia Mundial de Limpezas de Praias com o objetivo de conscientizar a população sobre este crescente problema. Esta ação é realizada em parceria com universidades, escolas, organizações não governamentais (ONGs) e entidades comunitárias. Atualmente, mais de um milhão de pessoas em todo mundo participam desta campanha. No Brasil, o evento acontece desde 1993. No Rio Grande do Sul, o Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul (GEMARS) vem sendo responsável pela organização e execução deste evento desde 1999. No ano de 2007, o evento foi realizado em três praias do litoral gaúcho (Imbé, Tramandaí, Cidreira), além de Porto Alegre. Na capital, o evento foi realizado em uma ilha do Delta do Jacuí (Ilha do Oliveira), situada a 2,5 km da margem do Lago Guaíba. Na costa do Rio Grande do Sul, o evento contou com a participação de 260 voluntários entre estudantes e professores de escolas e universidades da região, ONGs e moradores locais. Os voluntários, que percorreram em média 1,7 km em cada uma das localidades, coletaram, pesaram e classificaram o lixo das praias e lagoas locais. Foram preenchidas planilhas com dados que possibilitam determinar a natureza destes detritos e dimensionar o volume de materiais não biodegradáveis. Nas praias de Imbé, Tramandaí e Cidreira foram coletados 10601 itens, os quais totalizaram 562 kg de lixo em uma extensão de 5150 m de praias. A densidade de lixo encontrada nesta região, portanto, foi de 2058 itens, ou 109 kg, por quilômetro de praia. Os plásticos foram responsáveis por 86,7% (9190 itens) de todos os materiais encontrados. Dentre os plásticos, a bagana de cigarro foi o detrito mais encontrado (2952 itens, 32,1%), seguido por sacola plástica (1648 itens, 17,9%) e canudinho de refrigerantes (1249 itens, 13,6%). Estes três itens somam 55,2% de todo o lixo encontrado nas praias. Nas margens da Lagoa de Tramandaí, os plásticos foram também responsáveis pela maioria (75,4%) do lixo encontrado, sendo as sacolas plásticas o item mais coletado dentro desta categoria (30,6%). Assim como em outras regiões do mundo, praticamente três quartos do que é coletado em rios e praias são detritos não degradáveis em curto prazo. Além de causar danos graves e a morte de milhares de animais marinhos, estes detritos sujam as praias e são um risco para a saúde das pessoas. A ação, que ocorre simultaneamente em diversos locais do mundo, é capaz de identificar as atividades e fontes poluidoras, visando conscientizar e educar a população, empresas, indústrias e representantes governamentais sobre este sério problema das regiões marinhas e fluviais.

15. PETREL-GIGANTE (*Macronectes giganteus*) PARASITADO POR TRICHURIDAE NO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL - BRASIL

BRANDÃO, M.^{*1,4}; SICILIANO, S.^{1,2}; MACHADO, R.³ & LUQUE, J.L.⁴

¹Laboratório de Ecologia, Escola Nacional de Saúde Pública/FIOCRUZ; ²Grupo de Estudos de Aves e Mamíferos Marinhos da Região dos Lagos, Laboratório de Ecologia, Escola Nacional de Saúde Pública/FIOCRUZ; ³Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul & Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CECLIMAR/UFRGS); ⁴Departamento de Parasitologia Animal, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

*E-mail: brandaoml@yahoo.com.br

O petrel-gigante (*Macronectes giganteus*) apresenta distribuição circumpolar no hemisfério sul, ocorrendo esporadicamente na costa brasileira. No inverno de 2003, um indivíduo debilitado de *M. giganteus* proveniente da praia de Atlântida Sul, litoral norte do Rio Grande do Sul, foi encaminhado para o Centro de Reabilitação de Animais Silvestres e Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CERAM/UFRGS), em Imbé, e veio a óbito dois dias depois. No período em que o animal esteve em cativeiro, foram coletadas amostras de fezes frescas e mantidas em solução de Railliet & Henry para análise de ovos de helmintos. A análise foi feita através da técnica de sedimentação espontânea. Dez lâminas com cerca de 20 µl de fezes foram analisadas em microscópico óptico. Foram encontrados ovos (n=82) de apenas uma espécie de Trichuridae, não identificada, medindo de 70 a 55 x 37,5 a 35 µm (média 61,6 x 35,9 µm), incluindo os opérculos. De acordo com as características dos ovos, foi possível excluir do diagnóstico o gênero *Capillaria*. O número de ovos encontrados sugere uma infecção estabelecida. É possível que a espécie encontrada seja parasita de outro hospedeiro, ave ou mesmo algum mamífero, coabitantes de áreas de descanso e forrageamento. Este caso apresenta ou uma ocorrência de Trichuridae em um hospedeiro ainda não assinalado ou de uma espécie de parasito não descrita.

Índice de Autores

ALMEIDA, S.E.M. - 11
BARBIERI, F. - 19
BARRETO, J.S. - 14, 17, 21
BARROCAS, P.R.G. - 9
BORGES-MARTINS, M. - 8, 15
BRANDÃO, M. - 22
CAMPOS, R.C. - 9
CASTOLDI, L. - 19
CORTE, R.B.D - 20
DUPONT, P.M. - 11
EFE, M.A. - 16
FAUSTO, I.V. - 18
FRANZ, I - 18
GERLACH, E. L - 13
GIACOMO, A.B.- 14, 17, 21
GUIDOTT, I. - 21
HACON, S. - 9
JUNG, M. - 21
LEAL, G.R - 16
LENZ, A.J. - 8
LIMA, V.S. - 12
LUQUE, J.L. - 22
MACHADO, R. - 10, 18, 19, 20, 21, 22
MORENO, I.B. - 10, 15, 17, 21
NAKASHIMA, S.B. - 8, 14, 15, 17, 19
OLIVEIRA, L.R - 21
OTT, P.H. - 9, 10, 11, 14, 17, 18, 19, 20, 21
PEDROSO, L.A.S. - 13
PINHEIRO, M.S - 12
SANT´ANNA, D.V. - 21
SICILIANO, S. - 9, 22
SILVA, E.B - 20
SUCUNZA, F.P. - 10, 21
TAVARES, M. - 10, 15, 21
TRIGO, C.C. - 8
VEGA, C.M. - 8
WICKERT, J.C. - 19, 21
WOTRICH, D. - 21